

CHAVISMO SEM CHÁVEZ

Marcos Wílian da Silva¹

GUERRERO, Modesto Emílio. *Chavismo sin Chávez: La lucha por el poder en tiempos de la transición* 1. ed. Buenos Aires: Ediciones B, 2013.

A publicação da obra adveio da tradição do autor em escrever análises sobre a política chavista, fundamentada por seu profundo conhecimento da política latino-americana, e tem como ponto de partida o dia 05 de março de 2013, data em que se registrou na história o derradeiro suspiro do *Comandante Hugo Chávez*.

Didaticamente, a obra divide-se em três partes, denominadas: I – *La transición* (parte desta é dedicada à introdução); II – *El partido Militar*; e III - *El movimiento*.

A primeira parte é apresentada por *Mézaros* e busca confortar o leitor afirmando que a conversão de um projeto socialista em uma realidade irreversível acontece por meio de muitas transições dentro da transição. Ainda, Guerrero alerta, já na parte introdutória, que o futuro do Chavismo está contido no seu passado e presente, levando sempre em conta os princípios que o fundamenta. A equação que permite identificá-lo é composta por três elementos: o líder, o partido militar e o movimento social que lhe sustenta. Mostra-se, também, a preocupação com o segundo elemento quando, duas horas antes do anúncio oficial da morte de Chávez, na coletiva de imprensa feita às três da tarde, o sucessor Nicolás Maduro utilizou a expressão: “Direção política militar do Governo”. Tal pronúncia se mostra como uma novidade absoluta no discurso chavista e marca, possivelmente, uma mudança nos rumos da transição e composição da nova governabilidade.

Diferentemente do que acontece com o Movimento Sem Terra no Brasil, o Castrismo, o Guevarismo, o Sandinismo, o Zapatismo e o Indigenismo na Bolívia e Equador, o Chavismo é um movimento que foi originado dentro das Forças Armadas venezuelanas, em 1982. Neste contexto nascia o líder, mas o movimento não termina com a sua morte. A partir de 2011, o Chavismo começa um novo ciclo, com o anúncio da debilidade do profeta do Socialismo do séc. XXI. Guerrero considera que o movimento chavista bolivariano só é justificado levando em conta o colapso da luta socialista na União Soviética e a avassaladora implantação do neoliberalismo na América Latina.

Adianta o autor que o Chavismo não tem seu *script* definido em algum manual de história latino-americana, pois o desenvolvimento desta transição política desperta prognósticos que vão desde o mais tradicional aos mais novos e imprevisíveis. Maduro, diferentemente de Chávez, não adveio das Forças Armadas, mas tornou-se o depositário de seu poder quando, no fim da tarde do dia 8 de dezembro de 2012, recebeu das mãos do comandante a espada de Bolívar, simbolizando miticamente a transferência da investidura governamental. O Comandante investiu, então, Nicolás Maduro como seu sucessor e delegou ao “partido militar” a função de suporte institucional do novo governo interino. É importante salientar que Chávez dava início a um processo de transição não impulsivo, mas que vinha sendo discutido desde o aparecimento de sua enfermidade. A maioria dos movimentos sociais da Venezuela compreendeu isso como um processo de transição. Outros, porém, em menor parte, ousam em chamá-la de “crise do regime”.

Destaca-se também a preocupação do líder político em manter unificados o partido (PSUV) e as Forças Armadas. O ativo militante do movimento bolivariano, sociólogo e professor universitário Javier Bardieu expôs que no chamado “testamento político de Chávez” está dado apoio irrestrito à figura de Maduro, porém, não através de uma procuração em branco. Há cláusulas rígidas pactuadas cujo texto compromete o Estado Venezuelano a efetivar políticas públicas submissas aos interesses do povo.

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Toledo. E-mail: marcos_wilian@seed.pr.gov.br

Em sua última reunião de gabinete, realizada no dia 20 de outubro de 2012 juntamente com seus Ministros e demais componentes do primeiro escalão do Governo, Chávez, em nenhum momento, utilizou as palavras “crise” ou “transição”, mas sim, “a construção do socialismo” e “o novo ciclo de transição”. Sua maior preocupação, naquele momento, era de convencer o novo Gabinete da responsabilidade que assumiria a partir de então. Estava diante de um momento cruzado entre a troca brusca que deveria acontecer com o Sistema Político Chavista e a ameaça contínua de seu perigo de morte.

Guerrero também utiliza-se da explicação do sociólogo e politólogo espanhol Vinceno Navarro para explicar a qualidade da democracia venezuelana ao compará-la com a da Espanha. Afirma o autor que a limitadíssima diversidade ideológica nos meios de comunicação dominantes é um dos indicadores da baixa qualidade da democracia espanhola. A postura conservadora de tais meios na Espanha é intensa. Da mesma forma, na Venezuela essa característica é bem acentuada. Basta observar que a cobertura política no país feita pelos cinco maiores canais de radioteledifusão privilegiou a oposição, dando grande destaque às vozes críticas ao governo. Curiosamente, discursos menos críticos, favoráveis ao presidente Chávez, também aparecem na mesma mídia. Mas, ao serem comparadas as publicações, pode-se verificar que os contumazes ataques em seu desfavor eram mais frequentes.

O que está realmente em jogo nesta forçada transição é a conservação e a continuidade dos avanços no campo da economia social, considerando as mais de setecentas expropriações de latifúndios desde 1998 e as consideráveis conquistas no campo da saúde, habitação, educação e protagonismo popular. Por outro lado, são incisivas as limitações deste processo, pois enfrentam o jogo do grande capital, como, por exemplo, a alta inflação devido ao controle das balanças comercial e financeira, que ainda depende do setor capitalista da economia venezuelana. O país convive com uma dualidade econômica: uma privada e outra estatal e, entre elas, uma emergente economia social.

Na segunda parte, Guerrero trata de descrever a figura do Partido Militar e sua importância no processo de condução do Chavismo. Segundo ele, mesmo sendo certo que o “partido militar” não é a única referência no processo político bolivariano, desde os últimos quinze anos o mesmo é partícipe de todos os acontecimentos do Estado, do Governo, do Movimento Chavista e da Esquerda Venezuelana. Enquanto Chávez conduzia saudavelmente o governo, este se mostrou inerte. Foi necessária a grave debilidade do Líder da Revolução Bolivariana para que tudo começasse a girar novamente em torno do “partido”. As forças armadas tiveram um papel decisivo na tentativa de golpe no ano de 2002. Houve militares que se juntaram às classes abastadas para efetivar o “show televisivo” na Praça Altamira, apoiando a intenção golpista. Mas, a grande parte, manteve-se firme em defesa do Chavismo. Derrotado os primeiros, o “partido militar” se recompôs com a exclusão dos colegas antichavistas participantes do golpe. Desde então, as novas Forças Armadas foram reconfiguradas, caracterizadas especialmente por quatro mudanças, a saber: a) multiplicação do investimento militar dedicado ao gasto social e ao reforço físico e tecnológico; b) incorporação de mais oficiais; c) educação política e intensa profissionalização acadêmica; d) trabalho comunitário junto às organizações sociais e políticas.

A terceira e última parte trata “do movimento” e traz a pergunta cerne da obra: haverá Chavismo sem Chávez? Argumenta o autor que a pertinência da pergunta se baseia em evidências históricas, pois quase todos os movimentos históricos semelhantes ao Chavismo não conseguiram sobreviver sem a presença do líder, com exceção do Peronismo na Argentina e do Sandinismo na Nicarágua. Baseando-se em analogias, como a continuação do regime cubano pós Fidel, Guerrero acena para uma resposta afirmativa. A transição que ora se apresenta não está galgada por uma derrota política. O Chavismo seguirá para além da desapareção de seu líder, pois o movimento é sustentado por uma grande massa de militantes jovens, mulheres e homens, verdadeiros renovadores de sua base social e que realizam diariamente várias ações sociais e políticas. Cita as mais de vinte Missões bolivarianas como uma das mais importantes políticas públicas implantadas desde 2003 pelo programa bolivariano, as 150.000 mil cooperativas constituídas, a formação oferecida a mais de 800 mil mulheres e homens pela organização nacional da reserva militar. Por fim, a existência da “classe média positiva”. Trata-se de uma organização de ativa vida social e política, estruturada pelos sindicatos, comunas, capazes de

mobilizar milhares de profissionais, intelectuais e artistas nacionais nos momentos de conflito. Tal organização é antagônica à “classe média negativa” que apoiou a conspiração golpista de 2002.

O autor encerra o texto alertando que, quando se inicia um processo de desafio do capital, ainda que de forma pensada, a lei da causalidade é invertida, pois a economia fica subordinada à política. É válido destacar, por seu histórico, a intimidade do autor com o tema, bem como o seu otimismo em relação ao futuro do movimento chavista. Porém, não se pode desconsiderar que os conflitos no país acentuam-se a cada dia mais.

Não é difícil identificar que falta a Maduro a herança do carisma e a habilidade política de Chávez, dada a sua distinta personalidade, trajetória política e o modo como chegou ao poder. Além disso, há que se considerar a vitória apertada sobre a oposição na última eleição. Dadas as condições, o contínuo futuro do Chavismo na Venezuela é dependente da governabilidade de Maduro e de sua base aliada, bem como do fortalecimento da participação popular e das políticas públicas sociais por parte do Estado.

REFERÊNCIAS DO AUTOR

Autor de várias obras sobre a América Latina, tais como ensaios, biografias e poesia, o venezuelano Modesto Emílio Guerrero, a partir de meados da última década, dedicou boa parte de suas obras ao estudo do Chavismo, bem como de seu personagem central, Hugo Chávez. Em 2007, publicou a mais conhecida obra em território latino-americano: *Quem inventou Chávez?* A mesma foi ampliada e atualizada em 2013 sob o título de *Chávez: El hombre que desafió a la historia*. Em 2012 o autor ganhou o Prêmio Nacional de Literatura Stefanía Mosca, no Gênero Crônica, concedido pela Fundação para a Cultura e Artes de Caracas, em razão da biografia apresentada: *Reportage con la Muerte*. Esta mesma obra foi transcrita para o cinema argentino, em 2009, sob o título de *Aunque me cueste la vida*. Guerrero é nascido na Venezuela, onde foi eleito Deputado em 1982. É radicado na Argentina – Buenos Aires – desde 1993, onde leciona história latino-americana na Universidade de Avellaneda. É especialista em análises de informações internacionais.